

DE CHARQUE, COUROS E ESCRAVOS: A CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA, TERRAS E MÃO-DE-OBRA EM PELOTAS (1850-1890)

Jonas Moreira Vargas¹

Ao longo de quase todo o século XIX, o charque e os couros lideraram a pauta das exportações do Rio Grande do Sul. Anualmente, milhares de cabeças de gados eram enviadas de diversas localidades da Província até Pelotas, onde eram abatidas nas fábricas de salgar carne, também conhecidas como charqueadas. Fundamental na alimentação dos escravos das *plantations* do sudeste e nordeste do país, o charque ainda foi responsável por aprofundar a integração dos mercados do sul com o restante do Brasil. Na época das safras, inúmeras embarcações entravam no porto de Rio Grande abarrotadas de sal e mercadorias diversas e retornavam com muitas toneladas de charque e couros. Como resultado deste circuito mercantil, Pelotas tornou-se o principal complexo fabril da província, concentrando um numerosa escravaria e enriquecendo os seus proprietários – os charqueadores.

Como consequência deste desenvolvimento econômico, o município de Pelotas apresentou uma grande concentração de cativos. Em 1814, cerca de 50,7% dos seus habitantes eram escravos e somente 30% de sua população era branca. Em 1833, este índice havia permanecido quase o mesmo.² De acordo com Gabriel Berute, entre 1809/10 e 1824, o desembarque de escravos vindos do Rio de Janeiro apresentou uma grande aceleração.³ Tal tendência manteve-se forte na passagem da década de 1820 para a seguinte, o que, conforme Berute, denota certa correlação com os ritmos do tráfico atlântico estudados por Manolo Florentino.⁴ Como o Rio Grande do Sul não participava diretamente do tráfico atlântico, desde a década de 1780 os charqueadores da região tornaram-se dependentes dos cativos vindos do Rio de Janeiro. Neste sentido, a montagem do complexo charqueador e seus anos iniciais (1780-1830) só foi possível mediante esta vinculação com o capital mercantil carioca⁵.

¹ Graduado (2004) e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007); Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <jonasmvargas@yahoo.com.br>.

² GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas & olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Dissertação (Mestrado em História), PPGH/PUC-RS, Porto Alegre, 1993, p. 182.

³ BERUTE, Gabriel Santos. O tráfico negreiro no Rio Grande do Sul e as conjunturas do tráfico atlântico, c. 1790 – c. 1830. In: *Anais do V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

⁴ BERUTE, O tráfico negreiro..., p. 1-2; FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

⁵ OSÓRIO, Helen. *Estancieiros, lavradores e comerciantes na constituição da Estremadura Portuguesa na América: Rio Grande de São Pedro, 1737-1822*. Tese (Doutorado em História). PPG-História da UFF, Niterói, 1999. FRAGOSO, João L. R. *Homens de Grossa Aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.



Fig. 1 - “Localização de Pelotas (núcleo charqueador) – 1875”
Fonte: Produzido a partir de FELIZARDO, Julia Netto (Org.). *Evolução administrativa do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FEE, 1981.

Neste sentido, o surgimento de novas fábricas de charquear ajudava a alimentar o tráfico de escravos, pois as mesmas demandavam muita mão-de-obra. Os charqueadores economicamente mais modestos possuíam 20 cativos e os mais ricos ultrapassavam os 150 escravos. Segundo Berute, o ápice do desembarque de escravos no Rio Grande se dava no verão, seguido da primavera, ou seja, exatamente na época em que se iniciava a matança de gado nas charqueadas, o que demonstra um dos motivadores destes fluxos.⁶ É provável que, às vésperas da Guerra dos Farrapos, as charqueadas de Pelotas concentrassem entre 2.000 e 2.500 cativos. Entretanto, a extinção do tráfico atlântico, em 1850, provocou uma grande diminuição na oferta de cativos. Em 1871, a Lei do Ventre Livre trouxe uma nova ameaça à manutenção da escravidão, por este motivo, foi duramente combatida pelos charqueadores. Em meados da década de 1870, Pelotas tinha mais de 8 mil escravos em uma população de aproximadamente 25 mil habitantes⁷. Como se sabe, nos anos posteriores a escravidão foi perdendo sua legitimidade, mas só veio a definir completamente nos fins da década de 1880, extinguindo, consigo, o complexo charqueador escravista pelotense.

⁶ BERUTE, Gabriel S. *Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790- c. 1825*. Dissertação (Mestrado em História). PPG-História da UFRGS, 2006, p. 50.

⁷ Relatório da Diretoria Geral de Estatística do Império do Brasil para o ano de 1876, p. 142. Disponível em: <<http://memoria.nemesis.org.br>>. Acesso em: 10 jun. 2011. Ver Censo geral de 1872. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

Portanto, a segunda metade do oitocentos foi marcada pelo apogeu e pela decadência da economia charqueadora em Pelotas. Se entre os anos 1850 e 1860, as exportações de charque atingiram os maiores níveis da época, a partir da década de 1870 eles apresentaram um significativo recuo, vindo a diminuir bastante nos anos 1880⁸. O presente texto busca demonstrar como a concentração de riqueza atingiu níveis bastante altos neste período. A partir da análise dos inventários *post-mortem* do município, entre 1850 e 1890, foi possível verificar que uma enorme parcela das terras, escravos, dinheiro e gado *vacum* estava nas mãos de poucas pessoas. Dentre as mesmas, os charqueadores ocuparam uma posição de destaque.

Os pelotenses e o seu patrimônio inventariado

Para obter uma melhor compreensão acerca da distribuição da riqueza na sociedade pelotense na segunda metade do século XIX, analisei os patrimônios avaliados em todos os inventários *post-mortem*, num intervalo de 5 em 5 anos, entre 1850 e 1890. Esta triagem resultou num corpo documental de 302 processos. Entretanto, muitos não tiveram prosseguimento ou não apresentaram a avaliação dos bens de forma completa, restando 256 documentos⁹. É sabido que os inventários *post-mortem* sobre-representam a população analisada, pois negligenciam a camada mais pobre da sociedade, cujos bens praticamente não são passíveis de serem inventariados. Paradoxalmente, como já evidenciaram João Fragoso e Renato Pitzer, é mais fácil termos acesso à população escrava da localidade, pois os mesmos eram propriedade dos inventariados e como tal deviam ser arrolados e avaliados, do que “às camadas mais miseráveis dos homens livres pobres”¹⁰.

Entretanto, isto não invalida a utilização desta fonte documental. Com ressalvas ela pode servir para a análise dos estratos sociais mais pobres, mas certamente é privilegiada para investigar a elite econômica de determinada região e os graus de concentração das fortunas. Neste sentido, os inventários tornam-se uma fonte privilegiada, pois apresentam dois aspectos importantes para a análise do historiador: o seu caráter massivo e recorrente. No primeiro, ele pode revelar a diversidade entre os grupos sociais da região analisada e, no segundo, ele oferece uma visão dinâmica da mesma, ao longo do tempo, com suas mudanças e permanências¹¹.

Como estava constituído o patrimônio inventariado dos pelotenses? Do total de 256 inventários, 149 possuíam imóveis no perímetro mais urbanizado da cidade

⁸ CORSETTI, Berenice. *Estudo da charqueada escravista gaúcha no século XIX*. Niterói: ICHF/UFF, Dissertação de Mestrado, 1983.

⁹ Esta documentação está sob a guarda do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS.

¹⁰ FRAGOSO, João; PITZER, Renato Rocha. Barões, homens livres pobres e escravos - notas sobre uma fonte múltipla. Os Inventários Post-mortem. In: *Revista Arrabaldes*, n. 2, 1988, p. 37.

¹¹ FRAGOSO; PITZER, Barões, homens livres... A utilização de inventários post-mortem e o seu tratamento quantitativo já tornou-se um método mais que consolidado na historiografia brasileira. Sobre esta e outras possibilidades de pesquisa em História Agrária ver, por exemplo, LINHARES, Maria Yedda. História Agrária. In: CARDOSO, Ciro Flamaron; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 165-184.

(58,2%) e 168 possuíam imóveis rurais (65,6%). Refinando estes dados, percebe-se que 88 inventários (34,5%) possuíam somente imóveis urbanos e 107 (41,7%) somente rurais. É possível que o número de inventariados que residissem na cidade fosse ligeiramente maior, pois em muitos documentos não foi possível verificar se os proprietários de imóveis urbanos e rurais (61 processos) moravam na cidade, mas é provável que uma parte dos mais ricos o fizessem. Muitos charqueadores possuíam casas na cidade e lá residiam na maior parte do tempo, como demonstram as procurações assinadas em seus inventários, ou mesmo a sua presença nas listas de qualificação de votantes da paróquia de São Francisco de Paula, a mais urbanizada do município¹².

A partir da Tabela 1 é possível verificar um crescente aumento do percentual dos imóveis urbanos ao longo do período, o que pode ser reflexo da crescente urbanização no município. Mas tal fenômeno não significou que os imóveis rurais deixassem de compor uma parcela significativa dos investimentos. Apesar das oscilações, tanto na década de 1850 quanto em 1890, os valores destes perfaziam mais de 40% do total dos patrimônios. Algumas pesquisas vêm demonstrando que após a Lei de Terras, em 1850, o preço das mesmas sofreu uma grande valorização, o que acaba por se refletir na composição das fortunas dos inventariados¹³.

Tabela 1 – Perfil do patrimônio inventariado em Pelotas (1850-1890)

	Imóveis rurais	Imóveis urbanos	Dinheiro	Dívidas ativas	Ações	Escravos	Animais	Jóias	Dívidas passivas	Total Inventár.
1850/55	40,5	11,8	11,6	19,5	0,7	7,9	6,4	0,05	0,8	25
1860/65	30,0	10,5	12,4	9,4	0,4	20,5	9,0	0,3	4,4	41
1870/75	32,4	21,1	6,0	14,4	1,9	10,3	11,1	0,2	2,5	65
1880/85	36,7	22,2	8,6	9,4	6,7	4,5	8,2	0,02	16,6	70
1890	40,3	26,5	7,2	12,1	6,1	-	0,9	0,1	10,2	55

Fonte: Inventários *post-mortem* de Pelotas (APERS)

Portanto, é provável que um índice próximo aos 40% de moradores na cidade devia ser a realidade pelotense na década de 1850. Em 1822, por exemplo, um memorialista registrou que 50% dos 3.400 habitantes da freguesia de São Francisco de Paula (primeiro nome de Pelotas antes de tornar-se vila e cidade) residiam em 217 prédios urbanos¹⁴. Tal indicador era alto para o contexto rio-grande da época.

¹²Lista de qualificação de votantes de Pelotas, 1865. Fundo Eleições, maço 2, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

¹³Como, por exemplo, GARCIA, Graciela. *O Domínio da Terra: conflitos e estrutura agrária na Campanha Rio-grandense Oitocentista*. Dissertação (Mestrado em História). PPG-História da UFRGS, Porto Alegre: 2005.

¹⁴GUTIERREZ, Ester. *Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-*

Luís Augusto Farinatti encontrou 11% de inventários com este perfil para Alegrete (1825 a 1865) e Helen Osório 26% para toda a capitania (entre 1765 e 1825)¹⁵. Em 1872, a paróquia de São Francisco de Paula, que era a mais urbanizada de Pelotas, concentrava cerca de 2/3 da população do município¹⁶. É importante considerar que esta urbanização era precária e deve ser entendida nos parâmetros da época. No entanto, ela não deve ser ignorada, pois se comparada à maioria dos municípios do interior da província, a cidade de Pelotas possuía um destaque regional atestado por viajantes e cronistas diversos¹⁷.

Tendo sido feitas estas ressalvas, é necessário aprofundar a análise sobre a concentração dos imóveis rurais e urbanos. Apesar de Pelotas também possuir grandes propriedades rurais, elas não atingiam as dimensões e a quantidade das que formavam a paisagem agrária da fronteira sudoeste, na região da campanha¹⁸. Estas grandes estâncias da fronteira constituíam-se no espaço sócio-econômico dominado pelos criadores de gado mais ricos do Rio Grande do Sul. Com pastagens melhores, as terras do norte do Uruguai também eram cobiçadas por estes grandes proprietários.

O total dos investimentos em todos os imóveis somava 391.871 £ em imóveis rurais (sendo 94.247£ em fazendas no Uruguai) e 203.899 £ em urbanos¹⁹. Levando-se em conta que dos 256 inventários somente 8 possuíam terras avaliadas no Uruguai, já é possível perceber, comparando os montantes discriminados, o quão valorizados eram os campos no país vizinho. Talvez a grande diferença entre os possuidores de imóveis urbanos e rurais é que a maioria dos proprietários urbanos possuía suas casas, terrenos, sobrados ou meias-águas na cidade de Pelotas, enquanto um montante significativo dos imóveis rurais inventariados, e dentre eles os de maior valor, estão em outros municípios, como demonstro a seguir²⁰.

Início pelas propriedades rurais. Dos 256 inventários entre 1850 e 1890, 142 possuíam imóveis rurais. Destes, 111 tinham estabelecimentos exclusivamente em Pelotas e 14 possuíam imóveis rurais exclusivamente fora de Pelotas. Somam-se a estes, 17 inventariados que detinham terras tanto em Pelotas, quanto em municípios

1888). Pelotas: Universitária, 2004, p. 145.

¹⁵FARINATTI, Luis Augusto. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2007; OSÓRIO, *Estancieiros, lavradores e comerciantes...*

¹⁶Censo geral de 1872. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

¹⁷Ver, por exemplo, ARRIADA, Eduardo. *Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835)*. Pelotas: Armazém literário, 1994.

¹⁸Aproximadamente a região que vai de Bagé até São Francisco de Assis (ver Mapa).

¹⁹Todos os valores aqui analisados foram convertidos de mil réis para libras esterlinas para favorecer a comparação de períodos distintos. A tabela de conversão utilizada foi a de MATTOSO, Kátia de Queiroz. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, Anexos.

²⁰Dos 149 inventários com imóveis urbanos, somente 12 os possuem em outro município, além dos existentes em Pelotas. As localidades em que se encontram imóveis urbanos são Alegrete, Arroio Grande, Bagé, Cangussu, Dom Pedrito, Livramento, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar e São Gabriel. Portanto, não foi localizado nenhum investimento em imóveis em Porto Alegre e nem ao norte da Província.

vizinhos²¹. Destes 17, outros 5 também possuíam campos de criar no Uruguai. Os 10 maiores investimentos econômicos em propriedades rurais (excluindo as propriedades localizadas no Uruguai) somavam 199.847 £, de um total de 297.624 £²². Ou seja, 10 inventários (7% dos 142 inventários com propriedades rurais) detinham 67% dos valores investidos em imóveis rurais. Trata-se de uma concentração fundiária bastante alta. Entre os 10 inventariantes mencionados, estão 6 charqueadores, 2 filhos de charqueadores e 1 genro de charqueador. Três deles possuíam propriedades somente em Pelotas e 7 tanto em Pelotas, quanto em municípios vizinhos. Outros 3 também detinham estâncias no Uruguai.

Tratando-se de um município próximo ao litoral e com traços mais urbanizados do que os demais da região, é necessário matizar melhor esta concentração de imóveis rurais. Como já mencionei, os 3 distritos rurais de Pelotas possuíam uma paisagem agrária distinta da região da campanha, prevalecendo os matos das serras dos Tapes e da Buena, além de algumas fazendas. Mesmo assim, o município possuía estâncias dedicadas à criação de gado, apesar dos seus campos e pastos não serem tão valorizados como os da campanha e do norte do Uruguai. Daí o fato de que as grandes fortunas rurais inventariadas incluíam propriedades fora do município e do país, onde as dimensões, os valores e as qualidades das mesmas eram maiores. Basta uma comparação entre os valores para se ter uma idéia. Os imóveis rurais em Pelotas estão presentes em 128 inventários e somam 173.610 £. Já as propriedades rurais em outros municípios do Rio Grande do Sul e no Uruguai estão presentes em apenas 27 inventários, mas totalizam 218.261 £. Caso a comparação levasse em conta o tamanho das propriedades, a diferença se manteria, mas uma grande parcela dos imóveis não possuía as suas dimensões discriminadas.

Selecionando somente os inventários com propriedades rurais em Pelotas, sem somar os valores dos bens fundiários de outros municípios e do Uruguai, têm-se uma grande redução nos valores totais, mas a concentração fundiária se mantém. Os 10 maiores investimentos rurais somente nas terras do município somam 96.147 £, ou seja, 55% do total dos valores dos imóveis rurais de Pelotas. No entanto, 7 dos 10 grandes proprietários com terras em Pelotas também estão entre os 10 com terras fora de Pelotas. Tratava-se de uma elite bem sedimentada e que variava seus investimentos rurais geograficamente conseguindo manter-se no topo concentrador. Destes 7 que se situam entre os maiores proprietários com terras em Pelotas e em municípios vizinhos temos 5 charqueadores, 1 filho de charqueador e 1 genro de charqueador. Tendo em vista que os bens rurais oscilavam entorno dos 40% dos patrimônios inventariados, os charqueadores e seus familiares ocupavam o topo desta hierarquia econômica.

A mesma concentração encontrada entre os imóveis rurais é verificada entre os urbanos. Do total de 203.899 £ investidas em casas, sobrados, meia-águas e

²¹Os locais em que os proprietários possuíam imóveis rurais são: Piratini (5 inventários), Bagé (3), Canguçu (3), Santa Maria (2), Rio Grande (5), Arroio Grande (1), Camaquã (2), Livramento (2), Alegrete (1), Cacimbinhas (1), Uruguiana (1), São Gabriel (1), Santa Vitória do Palmar (1), Dom Pedrito (1), Viamão (1), Encruzilhada (1), Caçapava (1), Jaguarão (1).

²²Excluí os bens no Uruguai deste cálculo da concentração porque eles eram pouco acessíveis e apresentam um valor muito alto, o que iria distorcer os dados.

terrenos urbanos, cerca de 91.318 £, ou 44,7%, pertenciam a 10 pessoas (4% de todos os inventários). Era um patrimônio que somado reunia 75 casas, 44 terrenos, 9 sobrados, 6 armazéns e 5 meias-águas. Esta concentração já vinha de décadas. Em 1822, Gonçalves Chaves estimou os valores das casas das 217 casas da povoação em 342:500\$000, destacando que 37 delas correspondiam a 47% deste montante²³. No grupo dos 10 maiores proprietários urbanos aqui analisados encontram-se 2 charqueadores e 2 genros de charqueadores. A cidade era um espaço necessário para estes empresários. Era onde fechavam seus negócios com comerciantes locais e estrangeiros, mas também onde recolhiam informações sobre a política e a economia provincial e nacional e ostentavam sua riqueza andando em carruagens e frequentando o teatro e os clubes da cidade²⁴.

Tabela 2 – Concentração dos rebanhos vacuns nos inventários e posse de fazendas fora de Pelotas

Tamanho do rebanho	Inventários	%	Reses	%	Prop. outros municípios	Prop. no Uruguai
+ de 10.001 reses	4	7,7	51.536	50,0	100,0%	100,0%
5.001 a 10.000 reses	6	11,5	41.402	40,1	66,6%	33,3%
2.001 a 5.000 reses	1	1,9	2.552	2,4	-	-
1.001 a 2.000 reses	2	3,9	3.500	3,5	50,0%	-
501 a 1.000 reses	2	3,9	1.430	1,3	50,0%	-
101 a 500 reses	11	21,1	1.938	1,8	27,2%	-
Até 100 reses	26	50,0	833	0,9	15,3%	-
Total	52	100%	103.191	100%	-	-

Fonte: Inventários *post-mortem* de Pelotas (APERS)

Mas esta concentração não acaba por aqui. Associados às estâncias de criação, estavam os rebanhos de gado *vacum*, matéria-prima fundamental no abastecimento das charqueadas. Pelotas também possuía grandes criadores, muito embora as suas melhores fazendas estivessem fora do município. Nos 52 inventários cuja quantidade de reses de criar foram arroladas, ou seja, 20,3% dos totais inventariados, tem-se 103.191 animais. Assim como os outros bens até agora descritos, a maioria do gado também estava nas mãos de poucas pessoas. A análise da Tabela 2 demonstra que 4 indivíduos, ou 7,7% dos inventários proprietários de reses de criar, possuíam 50% do total dos rebanhos inventariados. Aumentando-se o recorte analítico para os 10 maiores criadores, verifica-se que os mesmos possuíam mais de 90% dos animais. Entre os 10 maiores criadores de gado estavam 5 charqueadores, o que novamente demonstra a variedade de investimentos dos mesmos. É certo que possuir seu próprio rebanho diminuía a dependência do mercado de gado na região. Os números também demonstram que os maiores proprietários de gado também eram

²³CHAVES, Antônio José Gonçalves. Op. cit.

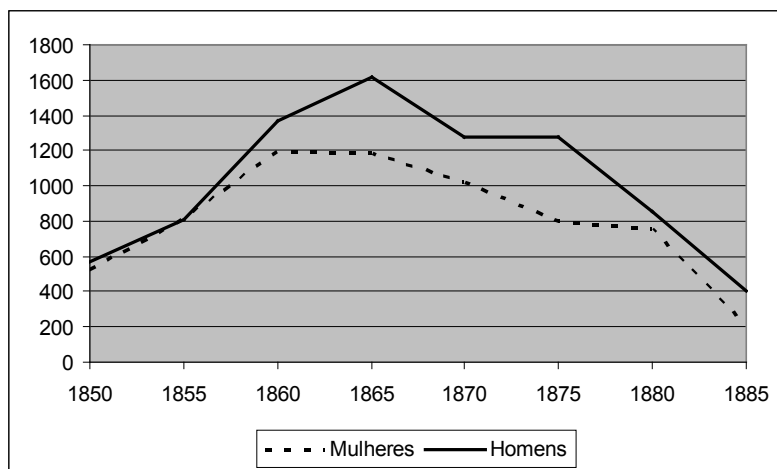
²⁴Ver, por exemplo, MULLER, Dalila. “Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”: Espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado em História). PPG-História da Unisinos, 2010.

donos de estâncias fora do município de Pelotas, onde melhores pastos serviam para engordar o gado. A Tabela 2 também evidencia que os maiores criadores também eram os únicos a possuírem estâncias no Uruguai. Não é necessário dizer que os pequenos proprietários criavam seus animais em modestas terras nos distritos rurais do município.

A concentração da mão-de-obra escrava

Como já foi dito, a extinção do tráfico atlântico em 1850 constituiu-se em uma ameaça para aqueles que dependiam da mão-de-obra cativa para manter os seus negócios. A alta dos preços dos cativos na década de 1860, como outros autores já trataram, foi conseqüência da diminuição da oferta de mão-de-obra escrava e a da corrida de comerciantes para adquirir cativos e revendê-los aos grandes centros agroexportadores do sudeste²⁵. De acordo com o Gráfico 1, a média dos preços dos escravos masculinos em idade produtiva quase triplicou entre 1850 e 1865. No primeiro período, eles somavam 570\$ e quinze anos depois chegavam à 1:617\$. A queda dos preços se iniciou anos depois, chegando a 857\$ em 1880 e 400\$ em 1885, quando a onda abolicionista já havia libertado a maioria dos escravos em Pelotas. Nos primeiros 10 anos, homens e mulheres cativas equivaliam-se em preços, mas a partir da década de 1860, acentuou-se um distanciamento em favor dos homens. A grande queda do valor destes e a quase aproximação com as mulheres nos últimos dois períodos indicam que a escravidão estava com seus dias contados.

Gráfico 1 – Preço dos escravos entre 15 e 40 anos (1850-1885)



Fonte: Inventários post-mortem de Pelotas (APERS)

²⁵Como, por exemplo, BERGAD, Laird W. *Escravidão e História Econômica: demografia de Minas Gerais, 720-1888*. Bauru: EDUSC, 2004; SCHEFER, Rafael da Cunha. *Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro (1849-1888)*. Dissertação (Mestrado em História). PPG-História da UFSC, 2006.

A diminuição da oferta dos escravos africanos contribuiu para aumentar a concentração dos cativos nas mãos de poucos senhores, como demonstra a Tabela 3. Dos 201 inventários *post-mortem*, entre 1850 e 1885, 81 (40%) não possuíam cativos arrolados entre seus bens, o que reforça ainda mais a mencionada concentração dos mesmos no interior da população. Os 120 restantes somavam 1.304 escravos inventariados. No entanto, 13 deles, ou 10,7 %, detinham 54,5% do total da escravaria. Já os proprietários de 5 ou menos escravos, que compunham 60% dos inventariados, possuíam apenas 14,6% dos cativos. Entre os 13 maiores proprietários de escravos estavam 7 charqueadores. Eles eram os únicos a possuírem mais de 100 escravos e perfaziam a metade dos que detinham entre 51 e 100 cativos.

Tabela 3 – Concentração dos plantéis de escravos entre os inventariados (1850-1885)

Tamanho do plantel	Número de inventários	% de inventários	Número de escravos	% de escravos
Mais de 100	2	1,6	218	16,7
De 51 a 100	4	3,3	271	20,8
De 26 a 50	7	5,8	223	17,0
De 16 a 25	17	14,3	263	20,2
De 6 a 10	18	15,0	138	10,7
De 3 a 5	41	34,2	150	11,5
De 1 a 2	31	25,8	41	3,1
Total	120	100%	1.304	100%

Fonte: Inventários post-mortem (APERS)

Os dados confirmam o que Renato Marcondes identificou para outras áreas do Brasil, ou seja, embora houvesse uma nítida concentração de cativos nas mãos de poucas pessoas, a posse dos mesmos estava disseminada entre vários setores sociais da população, incluindo os pequenos proprietários.²⁶ Entretanto, o fim do tráfico e o aumento do valor dos cativos ajudou a dificultar o acesso destes ao tráfico inter-provincial e intra-provincial como compradores, reservando-lhes o papel de vendedores. Tal fenômeno prejudicou as suas economias e neste processo, os grandes senhores lentamente foram drenando parte dos escravos dos pequenos.²⁷ Um dos reflexos deste processo foi o aumento do número de inventários sem escravos entre 1850 e 1885. Conforme Bruno Pessi, que estudou a posse de cativos em todos os inventários de Pelotas para todos os anos no mencionado período, os não possuidores de escravos compuseram 6,1% dos inventariados no quinquênio de 1850-1854, 31,6% no de 1865-1869, e 54,8% no de 1880-1884²⁸.

²⁶MARCONDES, Renato Leite. *Desigualdades regionais brasileiras: comércio marítimo e posse de cativos na década de 1870*. Tese de livre-docência. Ribeirão Preto, USP, 2005.

²⁷Ver, por exemplo, VARGAS, Jonas Moreira. Das charqueadas para os cafezais? O tráfico inter-provincial de escravos envolvendo as charqueadas de Pelotas (RS) entre as décadas de 1850 e 1880. In: *Anais do V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 1-20.

²⁸PESSI, Bruno S. Estrutura da posse e demografia escrava em Pelotas entre 1850 e 1884. In: *Anais*

A concentração da riqueza regional

Dos 13 maiores proprietários de escravos citados anteriormente, 8 estavam entre os 10 mais ricos. Estes 10 indivíduos de maior fortuna, ou 3,9% dos inventariados, somavam 611.287 £, ou 53,8% do total avaliado. Entre estas pessoas do topo da hierarquia econômica estavam 5 charqueadores, 3 estancieiros e 2 comerciantes. A Tabela 4 nos permite uma visualização mais detalhada desta concentração de riqueza no município. A base desta pirâmide sócio-econômica revela que 73,8% dos inventariados detinham apenas 9,9% dos bens avaliados. Levando-se em conta que os inventários sobre-representam as camadas mais ricas da sociedade, conclui-se que concentração de riqueza era ainda maior.

Esta desigualdade da distribuição da riqueza era um traço característico da sociedade brasileira desde os tempos coloniais. Analisando inventários *post-mortem* do Rio de Janeiro, entre 1790 e 1835, João Fragoso e Manolo Florentino observaram que o “agro e cidade continuaram a apresentar o décimo superior de suas populações detendo cerca de 2/3 da riqueza, com os cinco décimos mais pobres possuindo 4% a 8%”. Os autores verificaram que esta estrutura de concentração também era observada em outras regiões do Vale do Paraíba²⁹. O mesmo pode-se dizer para Minas Gerais, Pará e outras províncias, por exemplo³⁰. Em Alegrete, um município com perfil mais agrário na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, os 10% mais ricos da década de 1860, concentravam 70% das fortunas. Entre 1825 e 1865, os 50% mais pobres nunca detiveram mais que 10% das fortunas³¹.

Tabela 4 - Distribuição das riquezas inventariadas por faixas de fortuna (em libras esterlinas)

Monte-mor (libras)	Inventários (N.)	Inventários (%)	Fortuna (libras)	Fortunas (%)
Acima de 50 mil	5	1,9	421.249	37,1
De 20 a 50 mil	8	3,1	267.225	23,6
De 10 a 20 mil	9	3,5	124.921	11,0
De 5 a 10 mil	18	7,0	123.803	10,8
De 2 a 5 mil	27	10,6	85.969	7,6
De 1 a 2 mil	43	16,8	60.732	5,3
De 500 a 1 mil	39	15,3	28.562	2,6

do V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 14

²⁹FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia: Rio de Janeiro, c. 1790 - c. 1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 172; 175-179.

³⁰Ver, por exemplo, ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Família, fortuna e poder no Império do Brasil: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Tese de Doutorado. Niterói: PPG da UFF, 2005; BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: Elites, Fortunas e Hierarquias no Grão-Pará (1850-1870)*. Dissertação (mestrado em História). Rio de Janeiro: PPGHIS-UFRJ, 2004; MARCONDES, *Desigualdades regionais brasileiras...*

³¹FARINATTI, *Confins Meridionais...*, p. 51.

Monte-mor (libras)	Inventários (N.)	Inventários (%)	Fortuna (libras)	Fortunas (%)
De 100 a 500	74	28,9	20.784	1,8
Menos de 100	33	12,9	1.966	0,2
Totais	256	100%	1.135.211	100%

Fonte: Inventários post-mortem (APERS)

Esta concentração também era visível no que diz respeito ao dinheiro em moeda e às dívidas ativas. A quantia total de dinheiro avaliada nos 256 inventários é de 101.495 £. Deste montante, 73,6% estava nas mãos de somente 10 pessoas (3,9% dos inventariados), sendo que 3 eram charqueadores e outros 3 parentes de outros charqueadores. Com relação às dívidas ativas, o mesmo é verificado. O valor total das dívidas ativas somadas era de 153.089£, mas 62% deste valor estava nas mãos de 6 indivíduos, ou 2,3% dos inventariados, dentre os quais havia 2 charqueadores. A metade destes também estava entre os 10 maiores portadores de dinheiro. Portanto, um grupo diminuto concentrava a liquidez e na ausência de dinheiro, eles eram capazes de possuir uma fatia considerável do crédito na localidade. Tal concentração torna-se ainda mais notável quando se percebe que muitos dos maiores senhores de escravos e animais vacuns também surgem no topo da lista dos mais endinheirados e dos principais proprietários de imóveis rurais e urbanos.

As décadas de 1850 e 1860 foram marcadas pelo auge da produção charqueadora. Entretanto, as exportações de charque começam a definharem a partir da década de 1870. Os preços do produto, que já vinham diminuindo desde a década de 1850, continuaram caindo. Além do mais, a retomada da indústria saladeril platina, a partir da década de 1850, recuperou os mercados consumidores do produto concorrencial, entre os quais estava o Rio de Janeiro. O resultado disto foi que em fins da década de 1860 e início da posterior, mais de 80% do charque pelotense era exportado para a Bahia e o Pernambuco. Portanto, os charqueadores passaram a ficar estritamente dependentes da economia açucareira, tendo como alternativa às flutuações deste produto o mercado internacional dos couros. Como os preços do açúcar despencaram na década de 1870 e parte significativa dos cativos daquela região (principais consumidores do charque) foram drenados para a região sudeste, as vendas do charque acabaram sendo afetadas. O resultado disto foi uma crise que derrubou muitos charqueadores, mas enriqueceu uma minoria que estava melhor preparada para suportar estes reveses³².

O Coronel Anibal Antunes Maciel, falecido em 1875, foi o mais rico desta amostra de inventários e possuía uma fortuna calculada em 1.056:361\$730 (ou 119.368 £). Falecido em 1875, na realidade o seu patrimônio havia sido muito maior. Quando sua esposa faleceu em 1871, os bens do casal foram inventariados em 193.225£ e parte deles passado aos herdeiros³³. O Coronel Anibal era charqueador, mas possuía

³²Esta pesquisa ainda está em andamento. Resultados parciais foram apresentados na Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, 2001.

³³Inventário de Felisbina Antunes Maciel. n. 68, m. 2, 1871, Pelotas, 1º Cartório do cível e crime – APERS.

estâncias no Uruguai e na província, além de mais de 13 mil reses de criar (rebanho que havia sido de 25 mil reses em 1871) e 102 escravos (que somavam 159 em 1871). Só em dinheiro, o Coronel detinha 74:370\$800 réis, ou seja, o suficiente para colocar qualquer pelotense entre os 30 mais ricos inventariados da presente amostra. Mesmo passando por uma partilha de bens intra-familiar em 1871, ele continuou rico o suficiente para legar seus bens aos filhos e netos na próxima geração e resistir à crise da economia charqueadora, algo não conseguido por outros.

Retornando à Tabela 1, ainda é necessário considerar que ao longo das décadas de 1850 até 1880, o percentual do valor das dívidas passivas aumentou consideravelmente nos inventários. Tal fenômeno tem relação direta com o que foi mencionado anteriormente, visto que foram as camadas sociais menos privilegiadas as que mais se endividaram. Se os 22 inventários que apresentaram as maiores fortunas inventariadas (acima de 10.000 £) tinham um percentual de dívidas passivas inferior a 3%, os 33 mais pobres (com fortuna inferior a 100 £) tinham 28,6% do seu patrimônio comprometido em dívidas. Pela análise do patrimônio destas pessoas, é possível verificar que as mesmas pareciam ser, na sua maioria, lavradores dos distritos rurais de Pelotas (alguns sendo alemães), artesãos que viviam na cidade, viúvas empobrecidas, carreteiros, entre outros.

Somente 1 destes 33 inventariados mais pobres possuía escravos. O mais interessante é que o percentual de pessoas nesta faixa de renda mais pobre concentrou-se nas últimas décadas, pois 26 dos 33 inventários deste grupo eram dos anos 1880, 1885 e 1890. Portanto, é muito provável que o agravamento da crise nas charqueadas tenha afetado a economia local, favorecendo o empobrecimento de muitas famílias, embora boa parte dos mais ricos tenham aumentado as suas fortunas ou se mantido no topo desta hierarquia, acentuando ainda mais a desigualdade social que marcou o período. O aumento da percentagem das ações nos patrimônios inventariados (Tabela 1) é um dos reflexos de que muitas pessoas mantiveram-se em boa situação econômica no período. Estes investidores pertenciam às camadas intermédias e superiores do grupo inventariado, revelando suas maiores possibilidades na inversão em tais bens, assim como um interesse maior em atividades de caráter mais capitalista, algo inacessível à grande maioria.

Considerações finais

Ao longo do século XIX, diversos viajantes europeus que passaram pelo Rio Grande do Sul impressionaram-se com a fortuna dos charqueadores de Pelotas e o intenso comércio praticado no porto da cidade vizinha de Rio Grande. Em 1833, Arsene Isabelle deixou um relato sobre os moradores da cidade portuária: *“Há no meio deles alguns imensamente ricos que construíram casas e armazéns espaçosos (...). Como os lucros do comércio são avultados nesse país, eles não tardam a adquirir fortuna que jamais alcançariam em suas pátrias respectivas”*. De fato, como demonstrou Helen Osório, muitos dos comerciantes eram oriundos de Portugal, mas também havia franceses, ingleses e norte-americanos³⁴. Ainda sobre eles, o viajante concluiu: *“Fora do Rio de Janeiro, não vi algures um tão grande número de homens*

³⁴OSÓRIO, *Estancieiros, lavradores e comerciantes...*

condecorados, o que não é outra coisa senão uma das provas da riqueza da região”. Sobre a vizinha Pelotas, Isabelle mencionou ser “uma encantadora cidadezinha que não tem mais de 10 anos de existência e que já rivaliza com Porto Alegre pela atividade de seus habitantes, a importância de suas transações comerciais e o grande número de prédios que diariamente se constroem”. E acrescentou: “Ademais, as margens do Rio S. Gonçalo estão cobertas de ‘charqueadas’ ou ‘saladeros’, enriquecendo seus proprietários”³⁵.

Em 1839, o viajante Nicolau Dreys declarou que Pelotas, em pouco mais de vinte anos, havia deixado de ser “uma aldeia insignificante, constando somente de uma modesta capela rodeada de algumas casinhas baixas”, para tornar-se uma “vila suntuosa composta de edifícios aparentosos, alguns ornados de todo o luxo da Europa”³⁶. A fortuna de seus proprietários continuava a crescer e, em 1882, o viajante Herbert Smith registrou: “Admirou-me encontrar numa cidade pequena como esta, armazéns que fariam honra ao Rio de Janeiro, e ainda mais admirou-me o número deles (...) As cidades do litoral do Brasil e as grandes fazendas são principalmente supridas de Pelotas”³⁷. Anos depois, Wolfhang Harnisch escreveu sobre os charqueadores: “A riqueza que traziam era fantástica (...) Esses milionários pelotenses bem poderiam ter vivido no Rio ou em Nice e ainda em Paris; poderiam ter concorrido com os fidalgos russos no luxo e na dissipação de Monte Carlo”³⁸. Conforme o historiador Stephen Bell, nesta época, o patrimônio dos charqueadores mais ricos era suficiente para que adquirissem as maiores *plantations* de café disponíveis no Sudeste³⁹.

Se as charqueadas proporcionaram um desenvolvimento econômico notável ao município de Pelotas no século XIX, o mesmo não veio com uma maior distribuição da riqueza gerada, mas pelo contrário. A análise dos inventários post-mortem revelou que um pequeno grupo de pessoas, muitas delas aparentadas, eram proprietárias de uma grande parte da riqueza no município, apresentando índices muito altos de concentração. Os maiores senhores de escravos também estavam entre os maiores proprietários de terra. Os mais ricos também concentravam a maior quantidade de dinheiro em moeda e dívidas ativas. O poder de inversão do grupo lhes possibilitou investir seus capitais em estâncias no Uruguai, em ações e em imóveis na cidade – espaço privilegiado de negociações, participação política e demonstração de luxo e riqueza.

A partir das décadas de 1850 e 1860, auge da economia charqueadora, um grupo de proprietários da região, dentre os quais estavam muitos charqueadores, passaram a concentrar boa parte da riqueza, em detrimento da maioria da população inventariada. Nas últimas décadas da monarquia, quando o complexo charqueador-

³⁵ISABELLE, Arsene. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)*. Porto Alegre, 1946, p. 76-80.

³⁶DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão/Edipucrs, 1990, p. 78.

³⁷SMITH, Herbert. *Do Rio de Janeiro a Cuiabá*, 1922. Apud OSÓRIO, Fernando Luis. *A Cidade de Pelotas*. Pelotas: Tipografia do Diário Popular, 1922, p. 240-241.

³⁸HARNISCH, Wolfhang. *O Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1952, p. 85.

³⁹BELL, Stephen. *Campanha gaúcha: a Brazilian ranching system, 1850-1920*. Stanford, Califórnia, 1998, p. 73.

escravista pelotense já vinha entrando em crise, esta desigualdade sócio-econômica veio a se agravar enriquecendo mais ainda alguns grandes proprietários e levando pessoas das camadas mais pobres a níveis de riqueza bem menores. Um dos traços que marcou o período foi a capacidade dos mais ricos em absorver a mão-de-obra cativa dos pequenos proprietários, numa época marcado pela diminuição da oferta de escravos, além do aumento do valor dos mesmos. Desnecessário dizer que esta concentração inviabilizou que muitas outras famílias tivessem melhores condições de vida.



RESUMO

O charque e os couros lideraram as exportações do Rio Grande do Sul durante o século XIX. Fundamental na alimentação dos escravos das *plantations* do sudeste e nordeste do país, o charque também foi responsável por aprofundar a integração dos mercados do sul com o restante do Brasil. Como resultado deste circuito mercantil, Pelotas tornou-se o principal complexo fabril da província, concentrando um numerosa escravaria e enriquecendo os seus proprietários – os *charqueadores*. A partir da análise dos inventários post-mortem de Pelotas entre 1850 e 1890, o presente artigo demonstra como a estrutura agrária, a mão-de-obra cativa, entre outros bens econômicos estavam concentrados nas mãos de poucas pessoas, enriquecendo uma elite em detrimento das camadas mais pobres da população.

Palavras Chave: História Agrária; Escravidão; Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The jerky beef and leathers exports led the Rio Grande do Sul during the nineteenth century. Instrumental in feeding the *plantations* slaves of the southeast and northeast, the jerky beef was also responsible for further market integration with the rest of southern Brazil. As a result of trading circuit, Pelotas became a major manufacturing complex in the province, concentrating a large slave and enriching their owners – the *charqueadores*. From the analysis of the postmortem inventories of Pelotas between 1850 and 1890, this paper demonstrates how the agrarian structure, the manpower captive among other economic assets were concentrated in the hands of a few people, enriching an elite at the expense the poor rest of the population.

Keywords: Agricultural history; Slavery; Rio Grande do Sul.